

A TECNOLOGIA E A QUESTÃO DE GÊNERO: A IMAGEM FOTOGRÁFICA E O OLHAR FEMININO

Henrique J. Leal F. Rodrigues

Doutorando HCTE/UFRJ

hlfrodrigues@gmail.com

Ricardo Silva Kubrusly

Orientador HCTE/UFRJ

riskuby@gmail.com

INTRODUÇÃO

Como não poderia deixar de ser, a fotografia foi, e ainda o é, um espaço masculino, seja na figura de pesquisadores, fotógrafos e/ou acadêmicos. No entanto, a partir dos anos 30 do século XX, o quadro começa a se modificar. A fotografia passa a ter um novo olhar em suas fileiras, pois algumas mulheres começam a se dedicar à fotografia, rompendo uma barreira de longo tempo. São fotógrafas que começaram a impor sua presença e a qualidade de seu trabalho, em um meio exclusivamente masculino, trazem para a fotografia uma perspectiva diferente, fundada na sensibilidade e particularidades do feminino.

Esta nova afirmação feminina em um campo historicamente masculino reacende a discussão do porque se levou tanto tempo para se romper estes obstáculos em um campo onde o olhar é multifacetado e de uma complexidade que transcende questões de gênero. Surge, a partir deste momento, questões tais como: quais foram as condições que permitiram e favoreceram esta mudança de comportamento social e profissional, e quem foram estas pioneiras da fotografia profissional.

O LUGAR DA MULHER NO MUNDO MASCULINO NO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

A mulher na maioria das sociedades do século XIX e início do XX ocupava um lugar de submissão à figura masculina, seja pai ou marido, tendo de se ocupar de tarefas domésticas e de

trabalhos complementares (secundários) às necessidades de sustento familiar. Com raras exceções, tais como a viuvez ou inoperância da figura masculina em gerir o sustento da casa, a mulher se contentava, ou se submetia, a cuidar dos filhos, da casa e de serviços relacionados com tais determinações sociais que impunham a ela um lugar reservado e limitado das suas possibilidades de se desenvolver (estudar etc). Raras mulheres conseguiam, neste período, transpô as barreiras impostas pelo poder de uma sociedade machista. Mesmo nas classes mais ricas, ou nos grupos mais esclarecidos ou cultos, as atitudes de mulheres frente a sua liberdade de escolha e desejo eram constantemente reprimidas, desde sua sexualidade até a sua escolha profissional. Mulheres como George Sand (mulher que adotou um nome e comportamento masculino para poder se diferenciar e ridicularizar a ideologia do pequeno mundo burguês europeu) e Chiquinha Gonzaga (musicista popular) eram exceções que confirmavam uma perversa regra: no mundo masculino elas não possuíam o mesmos direitos e nem mesmo o direito de questioná-los.

Este quadro começa a se modificar drasticamente com o fim da *Belle Époque* eclosão da 1ª Grande Guerra Mundial (1ª GGM). É o fim da fantasia de um mundo sem guerras entre as grandes potências o início de uma transformação radical no mundo até então conhecido. No começo do conflito, governos (de ambos os lados) incentivaram a ideia de ser uma guerra rápida e justa, uma guerra de honra e romântica. A realidade foi dura, sangrenta e longa. A destruição de campos agrícolas, pastos e cidades, a perda incompreensível de vidas e a emergente insatisfação entre as tropas, levaram a certeza de que esta era uma guerra econômica e de interesse exclusivo de companhias e governos, nada tinha com liberdade ou justiça. No entanto, a tecnologia de guerra incentivou não só a continuidade do conflito, bem como revolucionou a medicina, a ótica, as indústrias químicas, a aviação etc.

Como não poderia deixar de ser, a saída maciça de homens para a frente de batalha criou buraco enormes na indústria, nos campos e na burocracia dos Estados. A solução encontrada foi a de utilizar a mão de obra ociosa, ou seja, a mão de obra feminina. As mulheres ao assumir o lugar produtivo dos homens nas fábricas e escritórios, ganha com o trabalho a consciência de liberdade, igualdade e direitos antes negada à ela. O masculino em sua arrogância narcísica de predador e dominador, ao produzir uma guerra que não se avaliou como e para onde esta iria se desenvolver, abriu espaços para que o feminino se tornasse consciente de seus novos direitos e assim, transformasse radicalmente o seu olhar para si e para o mundo em que se inseria. Foi a primeira revolução social decorrente da 1ª GGM, mas não seria a última.

A crescente insatisfação, a fome e as perdas inúteis de vidas fazem com que se iniciem rebeliões e motins dentro e fora das fileiras militares. A mais importante, mais perene e de maior determinação para o mundo até então conhecido foi a Revolução Bolchevique de 1917, que não só derruba o Czar Nicolau e toda a aristocracia, mas coloca no poder os soviets de camponeses e operários. É a grande revolução social e econômica que defende os direitos dos diferentes (culturas, gênero, sexualidade etc) em lugar da exploração (econômica, cultural, étnica, gênero etc) de alguns sobre a maioria. O Império Russo desaparece em questão de meses e em seu lugar surge a União das Repúblicas Soviéticas. O mundo é abalado por uma revolução que em apenas 10 dias abala as estruturas de toda a Europa (com seus Impérios e colônias) e os Estados Unidos da América (com seu capitalismo e seus países satélites), mas injeta, semeia em todos os povos submetidos e explorados a semente de que algo pode ser diferente, algo novo está no ar. Logicamente, a mudança ao ser econômica, política e social, transborda para os costumes, a família, os ideais, os conflitos de gênero, os direitos do trabalhador, os governos...ninguém mais sairá impune desta revolução que a 1ª GGM iniciou.

A mulher não se contentará com um lugar secundário, não mais se acomodará em estar submetida, irá querer ocupar o seu novo, e por direito seu, lugar neste novo mundo...levará tempo para algumas coisas até os dias de hoje, mas nada será como antes para o feminino, mas principalmente e indubitavelmente para o masculino.

A TECNOLOGIA E A FOTOGRAFIA: UMA RÁPIDA E PEQUENO RESGATE HISTÓRICO

A tentativa dos seres humanos em capturar as imagens suas e do mundo em que se inseriam, começa nas mãos gravadas nas cavernas pré-históricas como sendo a primeira tentativa real de relacionar o imaginário com a realidade.

A partir daí, até a evolução da química e da mecânica de instrumentos com a 1ª GGM leva a captura de imagens a sair da idade da pedra. Deixando o daguerrótipo e a pesada câmera de chapas para trás surge um equipamento leve, compacto, de mecânica resistente e de uma ótica precisa: as câmeras de prisma ótico. A 1ª GGM com seus avanços militares no campo da mecânica e da ótica de precisão para os armamentos, da evolução da química e da necessidade de criar um *design* compacto que facilitasse o transporte nos campos de batalha, foram essenciais para o desenvolvimento da fotografia.

Após a guerra, surgem as primeiras câmeras reflex, as SLR (single lens reflex – reflex de lente única), com um sistema que se estrutura em um mecanismo móvel que permite a captura da imagem de modo exato, como foi visto pelo fotógrafo ao enquadrar o objeto a ser fotografado. O mecanismo, embora complexo, funciona de modo simples e eficiente, onde o espelho levanta, alterando o caminho da luz dentro da máquina e esta é desviada em direção ao filme. A captura de imagens torna-se uma ação fácil e rápida, onde a focagem ou a profundidade de campo que queremos selecionar, acabam sendo calculados com rara precisão e rapidez.

Em 1936, a alemã Kine-Exact desenvolve uma câmera reflex (SLR), sendo a pioneira em criar mecanismos inovadores que foram rapidamente incorporados por outros fabricantes de câmeras. Entre seus pioneiros destaques técnicos podemos apontar:

- SLR que utilizava filmes de rolo 127 (1933 - VP Exakta)
- Flash com tomada embutida ativado pelo obturador (1935)
- SLR a usar um filme de 35 mm (1936 - Exakta Kine)

Embora pioneira, não alcançou um lugar de relevo junto aos profissionais, lugar na prática ocupado pela câmeras Leica e Rolleiflex, que se constituíram em sinônimo de qualidade de equipamento fotográfico, sendo as mais usadas por fotógrafos do mundo inteiro.

A Leica deve a Oskar Barnack (um entusiasta da fotografia e do recém inventado cinema) o desenvolvimento de uma câmera compacta e portátil. Barnack aproveitou sua experiência como fotógrafo afeito a carregar as pesadas câmeras fotográficas de sua época, com suas *chapas* e pesados tripés, e criou uma caixa de metal onde foi acoplada uma lente telescópica com um obturador de velocidade única (1/40 seg.). Surge, assim, a *Ur-Leica* que utilizava fotogramas de 24x36 milímetros para a obtenção de imagens mais nítidas. Em 1924, se inicia a produção em série da primeira Leica com uma lente 50mm e abertura de f/3.5, foram 30 protótipos conhecidas como Leica 0 (zero). No início da década de 30, a Leica já produzia o seu primeiro modelo com lente intercambiável determinando a abertura de novos horizontes para a fotografia mundial.

Outro grande avanço tecnológico para câmeras compactas e portáteis se deve ao aparecimento da Rolleiflex, fabricadas pela empresa alemã Franke & Heidecke. São câmeras de formato TLR (*Twin Lens Reflex* - lentes reflexivas gêmeas) com duas lentes objetivas com a mesma distância focal. Uma das lentes é uma objetiva que captura a imagem, enquanto a outra lente é usada para fazer parte do sistema de visor que fica na parte superior da máquina. O visor consiste de um espelho cônico de 45 graus que permitia que a visualização da imagem, em tamanho menor,

sem perda de enquadramento e com uma tela de focagem (não luminosa) no topo da câmera, além de um sistema de abertura na forma de capô pop-up. Isto ajudava a reduzir o seu peso e o seu tamanho. O foco mostrado na tela de focagem é exatamente igual, garantido pela sincronicidade da objetiva superior (a lente fotográfica) com a objetiva do visor. Seus obturadores atingiam velocidades de captura de até 1/500 segundos e utilizavam um filme de tamanho 120 (6x6 cm). Seu corpo metálico garantia proteção e leveza, que juntamente com seu tamanho compacto, de peso reduzido, com excelente sistema ótico (lentes Zeiss e Schneider) e visores muito nítidos, se transformou rapidamente num equipamento também muito usado por profissionais que necessitavam de agilidade e leveza no seu trabalho. A Rolleyflex teve como destaque um mecanismo de avanço de filme robusto e muito bem projetado, fazendo com que o carregamento e avanço fosse rápido e semiautomático, e a introdução de um contador automático de filme, através de um sensor que iniciava a contagem dos quadros facilitando a leitura pelo fotógrafo.

Todas as três máquinas foram fruto da tecnologia ótica e mecânica da indústria alemã, que embora muito avançada na produção de equipamentos, não possuía a mesma eficiência no surgimento de grandes nomes da fotografia. Este fato decorre que a sociedade alemã não encarava a fotografia como uma forma de arte e nem, ainda, era considerada uma potente arma para se documentar a realidade. Esta realidade rapidamente muda com a visão midiática que Joseph Goebbels imporá ao cotidiano alemão com a ascensão do nazismo, a fotografia e o cinema, ou seja as imagens, se tornarão grandes aliados da propaganda do III Reich.

O OLHAR FEMININO E A FOTOGRAFIA: TECNOLOGIA, COMPORTAMENTO E GÊNERO

A presença feminina na fotografia se fazia de forma esporádica e extremamente elitista, pois os equipamentos eram caros e pesados, impondo uma dificuldade maior para a mulher em um mundo dominado pela força e pelo machismo. Algumas exceções fugiram a regra, mas com certeza para confirmar a existência da mesma. Uma destas raras exceções foi a Princesa Izabel, filha de D. Pedro II, Imperador do Brasil, ele mesmo um aficionado pela fotografia e pelas novidades científicas da época, que proporcionou a sua filha a possibilidade de se envolver com a captura de imagens. A sua presença como fotógrafa do cotidiano da família imperial só foi possível pelo apoio de seu pai, da facilidade em adquirir equipamento fotográficos (caros e raros), mas principalmente, de possuir em seu entorno as condições estruturais para desenvolver este seu *hobby*: escravos para

carregar os pesados equipamentos, empregados que asseguravam as facilidades na locomoção de sua altura, e finalmente, professores-fotógrafos que lhe asseguravam um aprendizado rápido e eficiente. No entanto, esta realidade não era extensiva as outras mulheres no Brasil e no mundo.

Com o advento das máquinas reflex, compactas e mais leves (Rolleiflex e a Leica) surge a possibilidade do manejo e da mobilidade na captura de imagens mais de acordo com o corpo feminino. Como consequência, grandes nomes da fotografia feminina surgem produzindo imagens modernas e sensíveis. Algumas destas mulheres tinham em comum não só um desejo imenso em estar à frente dos acontecimentos, e por definição de capturá-los, mas bem como eram possuidoras de um espírito revolucionário traduzido por uma forte ligação com as ideologias emergentes (socialismo e nazismo) além, é claro, de uma constante busca de independência em um mundo profundamente machista.

Assim, a militante comunista Gerda Taro, a socialista Tina Modotti e a fotógrafa e cineasta do nazismo Leni Riefenstahl trazem para a fotografia o olhar da mulher, do feminino, para um mundo construído e dominado por homens, trazendo uma nova perspectiva para uma realidade anteriormente ocupada, capturada e fotografada somente por um olhar masculino.

Mas o que diferencia o olhar masculino do feminino?

Para responder esta pergunta devemos ir a Freud, que desvenda o mistério da mulher para os homens, que até hoje ainda procuram entender o funcionamento e o olhar feminino para as coisas do mundo. Para Freud, apesar dos homens procurarem entender e estar mais próximos das mulheres, elas ainda se apresentam como uma incógnita para a lógica dos homens, ou seja, o masculino ainda tem em seu imaginário a visão do feminino como algo desconhecido que a duras penas deverá ser um dia, quem sabe, desvendado.

Dentro do campo da Psicanálise, Wilhelm Reich procurou olhar através de seus estudos sobre o contato somato-psíquico estabelecido na forma em que o ser humano se articula e se relaciona consigo e com o mundo, entender como construímos nossas características de funcionamento e comportamento. Através do olhar e *do que, como e por que* capturamos o mundo interno e externo e determinamos inconscientemente ou conscientemente o nosso posicionamento perante a vida. Assim, quanto maior for o desbloqueio deste segmento maior será nossa possibilidade de perceber, capturar e conectar a nossa intimidade e o mundo que nos cerca. Para ele, o masculino e o feminino são dois campos interligados e complementares que trazem para as nossas vidas a qualidade do equilíbrio. O olhar masculino e o olhar feminino são instâncias especiais da

particularidade da sexualidade humana, e como tal, capturam a partir de suas especificidades o mundo que se apresenta sob sua égide, seja ele interno ou externo. São diferentes para poderem ser iguais. Deste modo, por que não se poderia falar de um a partir do outro? Logo, falar do olhar feminino na fotografia através do olhar masculino é uma forma correta de se pensar o outro.

Mas agora, como a tecnologia entraria como sustentáculo para este olhar?

Será que sem o desenvolvimento tecnológico das Rolleiflex e Laicas as mulheres poderiam ter nos anos 30 ocupado um lugar tão ousado em um mundo claramente masculino, o da fotografia? Ou, será que sem a atitude feminina de trazer as lutas nos movimentos sociais dos anos 30 para a fotografia, esta poderia ter tido um olhar feminino, mesmo que com câmeras mais leves e ágeis?

É correto pensar que o olhar feminino para a captura de imagens realmente só foi possível nos anos 30 do século XX pela associação de dois fatores fundamentais: as transformações tecnológicas na fotografia e as mudanças político-sociais.

O advento de novas tecnologias na fotografia foi fundamental para a entrada das mulheres neste campo, pois sem as máquinas compactas, portáteis e de alta qualidade tecnológica, não seria possível *a priori* levar o olhar feminino para a captura de imagens. No entanto, sem a emancipação da mulher na sociedade pós-guerra e pós-revolução socialista seria muito difícil o machismo social reconhecer, e permitir, que esta ascendesse profissionalmente e saísse do lugar de submissão a que era imposta. A luta feminina por seus direitos ganhou contornos de realidade com a ida das mulheres para postos-chaves anteriormente ocupados por homens, a necessidade de sua presença em trabalhos antes limitados ao masculino, a necessidade de preenche-los por falta de mão de obra, a liberdade não só de trabalhar, mas de gerir suas vidas, suas casas e sua sexualidade determinaram uma mudança de comportamento impossível de ser retroagido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, tecnologia e transformações sócio-políticas deram a sustentação para a garantia da luta pelos direitos de serem donas de si mesmas, donas de seus desejos e de suas possibilidades. A mudança de comportamento através destas duas instâncias proporcionaram a mulher se tornar, além de tudo, uma fotógrafa. Gerando uma nova forma e uma nova perspectiva entre o que se observa e o que se captura, revelando-se na tríade contato-tecnologia-gênero um novo olhar: o feminino. Foi através dos movimentos sociais e da tecnologia que a mulher encontrou o reconhecimento de um

novo papel social para si em um mundo que se propunha igualitário (pelo menos em teoria), mas que sempre foi desigual.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DuCHEMIN, David. *A foto em foco, uma jornada na visão fotográfica*. Tradução de Raphael Bonelli. Rio de Janeiro: Alta Books, 2009. 248 p.

GONZÁLEZ, JoaquínPerea; SARDINA, Luis Castelo et ORTIZ, Jaime Munárriz. *La imagen fotográfica*. Madrid: AKAL, 2007. 360p.

MASPERO, François. *Gerda Taro, la sombra de una fotógrafa*. Madrid, La Fabrica, 2010.

SONTAG, Susan. *Obre a fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredi. São Paulo: Companhia das letras, 2004. 224 p.

SOUGEZ, Marie-Loup. *Historia de lafotografía*. Madrid: Cátedra, 2009. 11ª ed. 518p.